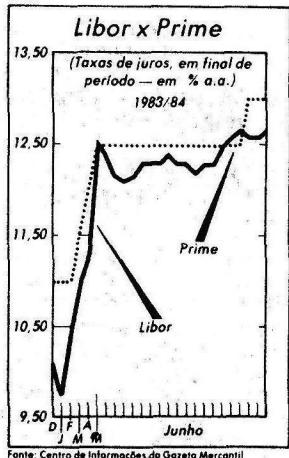


O ritmo de expansão da Libor favorece as contas brasileiras

por Célia de Gouvêa Franco
de Brasília

Nos próximos meses, deverá alargar-se a diferença já existente atualmente entre as duas principais taxas de juros internacionais: "prime rate" (dos bancos norte-americanos) e Libor (praticada no euromercado). Embora a tendência seja de elevação, a Libor deverá aumentar em ritmo mais lento do que a "prime rate". O que, se confirmado, será bastante importante em termos de acréscimos na conta de juros brasileira, pois pouco menos de 70% da dívida externa do País são regulados pela Libor. Do restante, 25% dos empréstimos foram contratados com base em taxas fixas (cuja média é de 9%) e apenas os 6% finais se referem à "prime rate".

Esses dados foram divulgados ontem por uma fonte credenciada do Banco Central, que justificou essa



previsão de um maior diferencial entre as duas taxas lembrando que aproximadamente 25% dos maiores de US\$ 5 trilhões que giram no euromercado são especulativos e, portanto, não devem ser atraídos por uma "prime rate" maior, já que nos Estados Unidos estariam sujeitos a uma taxa-

ção fiscal pesada. Quanto maior o nível das taxas nos EUA, mais elevados também os impostos — o que tende a desestimular a transferência de recursos dos investidores que foram para o euromercado exatamente para fugir do fisco norte-americano.

Na verdade, já está havendo uma elevação mais lenta da Libor em comparação com a "prime rate". Enquanto a taxa preferencial dos bancos norte-americanos passava de 12 para 13% desde o início de maio até agora, a Libor aumentou muito menos: em maio sua média foi de 12,17%, e agora, neste mês de junho, passou a 12,36%.

1985

A partir da próxima semana, qualquer elevação nas duas taxas só terá efeitos para o Brasil no próximo ano, pelo sistema de reajuste das taxas a cada seis meses. O que significa que a taxa média do total

da dívida externa brasileira neste ano, computando-se a parcela que tem juros fixos, deverá ficar próxima de 10,9% — apenas ligeiramente acima dos 10,5% projetados. Até outubro, essa taxa média será de 10,71%.

O impacto da tendência de alta dos juros internacionais será substancial, contudo, no próximo ano. Essa fonte do BC calculou que, se as taxas se mantiverem basicamente nos atuais patamares, o custo médio da dívida em 1984 (sempre se levando em consideração a parcela que tem juros fixos) será de cerca de 12%. Assim, para uma dívida que deverá chegar a US\$ 100 bilhões em dezembro próximo, a conta de juros do próximo ano atingiria US\$ 12,5 bilhões aproximadamente, revelando um aumento de US\$ 1,2 bilhão em comparação com os US\$ 11,3 bilhões brutos previstos para este ano.